



FILIAIS E AGÊNCIAS DO BNU

A presença do BNU em Timor

Se existe uma agência bancária que deve ser lembrada e louvada pela sua extensa e complexa história é, sem dúvida, a filial do Banco Nacional Ultramarino (BNU) de Díli, em Timor.

Ao longo da sua já longínqua história, a instituição já resistiu aos mais variados contratemplos, todos eles de grandíssima complexidade, sendo testemunha de verdadeiros “dramas” pessoais e institucionais, como foram o caso da invasão nipónica do território em 1942 com o consequente falecimento do gerente do BNU às mãos das forças nipónicas e da invasão indonésia em 1975.

Só a grande tenacidade de nações, instituições e indivíduos, possibilitou que passados 103 anos, a Caixa Geral de Depósitos (CGD) continuasse representada em Timor pela agência bancária criada em 1902, sob a égide do BNU e que ficou conhecida para a posteridade, como a mais longínqua agência bancária inaugurada e existente no antigo império colonial português.

A sua história remonta a 1902, quando o BNU, de acordo com os seus estatutos almejava inaugurar uma agência em Díli.

No entanto, por condicionantes várias, a agência não abriria em 1902, mas somente em abril de 1912 tendo sido a última agência do BNU a ser instalada no vasto e distante império colonial português.

Até à data da edificação da sua filial em Díli, o BNU, assegurava a sua presença na ex-colónia, através do seu representante, a Companhia de Timor.

No entanto, a necessidade de se cumprir os estatutos do BNU, que já remontavam a 1901 e a imperiosidade de o banco assegurar em território timorense a gestão do Tesouro Público, vieram finalmente acelerar a construção da filial.

Assim, foi solicitado pelo BNU, ao Governador de Timor, Celestino da Silva, um local para a edificação do edifício da agência.

Até então, grande parte das transações comerciais e diligências oficiais para Timor, eram concretizadas através da filial do BNU de Macau, até então, a agência bancária portuguesa mais longínqua de Portugal e mais próxima de Timor.



Um dos processos mais interessantes existentes no arquivo histórico do BNU sobre esta temática, é a compra em 1909 da *machina* de escrever, “*The Oliver*”, pelo Consulado de Portugal em Hong Kong, com destino ao Governador do Distrito Autónomo de Timor, através da agência do BNU de Macau.

É nestas circunstâncias que parte para Timor, o ex-gerente da filial do BNU de Macau (1908 a 1910), António de Oliveira Manarte, com o objetivo de erguer e inaugurar a primeira agência do BNU em Timor.

António Manarte parte de Lisboa em setembro de 1911, tendo chegado a Timor somente em dezembro do mesmo ano.

A edificação da filial de Díli, veio preencher uma lacuna que já existia desde 1864, ano da inauguração do BNU, que foi a criação de uma instituição bancária portuguesa em Timor.



01 – Filial do BNU em Díli. 1912

A primeira instalação da agência seria inaugurada em 4 de abril de 1912, tendo as chaves do edifício sido remetidas nesta data pela Repartição das Obras Públicas de Timor, ao agente do BNU, António de Oliveira Manarte.

A filial funcionou na sua primeira sede até 1942, data em que teve de encerrar as suas instalações, devido à invasão

da ilha pelas forças nipónicas na 2ª Guerra Mundial.

Até ao eclodir da guerra em pleno território timorense, a filial do BNU, teve um papel de relevo no desenvolvimento económico local, no apoio às medidas governamentais e do BNU delineadas para o território. Destacam-se neste aspeto: o recebimento em 1912 pela filial de uma quantidade de notas da Filial de Macau para constituírem meio de pagamento na colónia e os empréstimos governamentais gizados pelo Governo de Portugal para a ex-colónia efetuados pelo BNU.

De entre estes destacam-se os dois empréstimos de 1922, que autorizavam a Junta de Crédito Público a emitir títulos da Dívida Pública na importância nominal de 1 217 000 patacas, que a ex-colónia era autorizada a contratar, a fim de cobrir o deficit da gerência de 1920-1921 e o orçamental de 1921-1922.

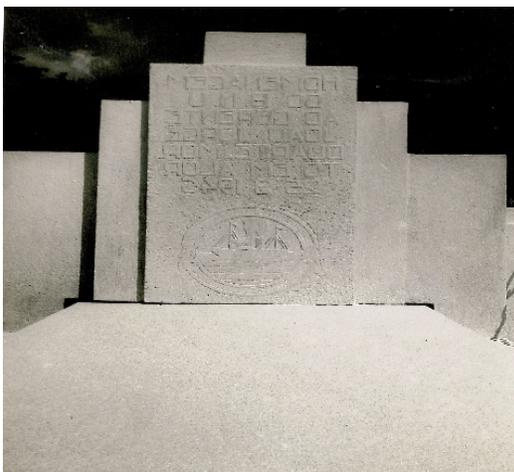


Foi também com o seu apoio que em 1935, o governo da colónia de Timor determinava que no território somente poderia circular a Pataca ou o Dólar Mexicano.

Em 20 de Fevereiro de 1942 os japoneses atacaram Timor e desembarcaram em Díli.

As primeiras instalações da agência seriam encerradas por falta de segurança de 30 de setembro de 1942 a 30 de setembro de 1945, embora o serviço ao público só recomeçasse em 1 de novembro desse ano.

Segundo informação recolhida no relatório da gerência do BNU de Díli de 1946, a filial teria sido mais tarde assaltada por "...*chinos e árabes que durante a ocupação estrangeira da colónia assaltaram e roubaram a casa forte da filial em 12 de Outubro de 1944*".



02- Túmulo de João Jorge Duarte

A filial viria a reabrir em 1 de novembro de 1945 nas instalações da Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, acomodada no edifício desmantelado do antigo colégio de José, na Avenida Marginal da destruída cidade de Díli, tendo a companhia disponibilizado e cedido ao BNU cinco divisões para os serviços da sua filial.

O gerente de então, João Jorge Duarte, foi preso pelos japoneses em 10 de Julho de 1944, tendo morrido de fome, na ilha de Alor, em 25 de Março de 1945, pelos maus tratos infligidos pelas tropas nipónicas.

Posteriormente, em Março de 1955, em homenagem à conduta bravia do ex-gerente, o Banco iria erigir uma jazida em seu tributo



03 – Filial do BNU de Díli. Anos 50 do Séc. XX



Já com a filial em atividade, chegavam os antigos empregados do BNU, que se tinham refugiado na Austrália fugindo da ocupação nipónica da ex-colónia portuguesa. A filial debateu-se com o desaparecimento de todo o arquivo da filial e a conseqüente ausência de códigos telegráficos, que invalidavam a correspondência da agência com os seus clientes.

Nessa altura, em Timor, a única firma com endereço telegráfico conhecido, era precisamente o da Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Lda., da qual o BNU era um dos principais acionistas e onde o banco estava provisoriamente instalado e o que muito facilitou a sua atividade. A partir desta data, o BNU ficou acionista das principais empresas de Timor, promovendo desta forma o desenvolvimento do território.

Contavam-se entre estas empresas, para além da já referida Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Lda., a Empresa Agrícola Perseverança, Lda. e a Empresa Agrícola de Timor, Lda..

O relatório balanço e contas de 1956 da Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, Lda. louvava a filial do BNU pelo auxílio e cooperação dado á Sociedade na persecução da atividade da instituição, nomeadamente no progresso do comércio do café, o principal produto e “motor” da economia timorense.



04 – Armazém de café, no tempo da colheita. Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho

Uma década depois (1966), quando o Governador do BNU, Francisco Vieira Machado, visitou Timor, constatou as deficiências das instalações da filial do banco em Díli.



Nesta conformidade, a Administração do BNU determinou que fosse construído o melhor edifício da cidade, para constituir a filial do banco.

05 – Novo edifício da Filial do BNU de Díli. 1968. Inaugurado em 1968



Mais tarde, em 23 de novembro de 1968, dar-se-ia a inauguração do novo edifício da filial em Díli e das novas moradias para o pessoal do BNU.



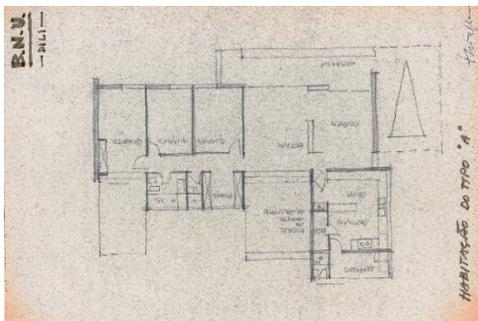
Na visita oficial dos quadros diretivos do BNU, também tinha sido constatado que os empregados viviam em condições precárias, tendo o Conselho de Administração do banco, mandado edificar moradias para os seus funcionários em Díli.

06 – Moradias dos funcionários do BNU. 1968

No relatório da gerência do BNU desse ano são louvados as melhores condições de trabalho das novas instalações da sede do banco em Timor, mas também o apreço do pessoal pelos novos alojamentos e habitações concedidas, juntamente com a edificação de um centro lúdico, “...onde tanto os empregados como as suas famílias podem recrear o espírito nas horas de ócio.”

A filial e as moradias dos funcionários foram desenhadas pelo arquiteto Fernando Schiappa de Campos, conhecido na época pela sua inovadora e moderna arquitetura colonial e que ficou para a posterioridade como um dos mais criativos e originais arquitetos da sua época e da história da arquitetura portuguesa.

As suas edificações em Timor ficaram para a posterioridade como uma das suas obras mais significativas.



O edifício, um dos mais eloquentes da cultura moderna do período colonial, é caracterizado por uma implantação linear, com recurso a grelhas horizontais e verticais que garantem o indispensável ensombramento.

07 – Esboceto de F. Schiappa para as habitações do Pessoal do BNU de Díli. 1964



Nas moradias dos funcionários Schiappa recorreu aos seus conhecimentos sobre climas tropicais, evitando na construção, a dependência de ar condicionado, desenhando as residências para que pudessem contar unicamente “*com os seus dispositivos construtivos*”¹.

Até ao encerramento da filial em 1975, que sucedeu devido à invasão indonésia do território timorense, o BNU continuou a pautar a sua atividade com o apoio às atividades agrícolas mais importantes da ilha, destacando-se neste especto o auxílio à produção de café.

Em 1972 aumentaram as áreas de cultura já em produção, tendo o grau de desafogo no comércio sido determinado pela fertilidade dos cafeeiros.

No relatório e contas do BNU desse ano, está referido: “*Pequenos e grandes comerciantes, da capital ou do interior, transacionavam este produto, que como intermediários dos pequenos produtores autóctones que, nos mercados rurais ou nas “cantinas”, trocavam o grão produzido por bens de consumo*”.

Em 3 de setembro de 1975 a Direção de Relações Exteriores do BNU informava todos os seus colaboradores que a Administração do Banco tinha determinado que, devido à situação complexa que se vivia em Timor, todas as operações bancárias com a filial em Díli ficariam suspensas.

Mais tarde em 7 de dezembro de 1975, a indonésia invadia e anexava Timor Leste, dando início à resistência timorense.

No ano de 1976, o Bank Pembangunan Daerah ocupava em Timor as antigas instalações do BNU.



Seguiram-se anos de domínio político e militar indonésio e de imensurável tensão humana, destacando-se nesta particularidade, o nefasto massacre no cemitério de Santa Cruz em 12 de novembro de 1991.

**8 - Bank Pembangunan Daerah.
Instalações abandonadas em 1999.**

¹ Jornal Arquitectos, nº. 238, Lisboa, 2010, pág.27.



Em 04 de setembro de 1999, com a vitória da independência no referendo realizado naquele território, estavam abertas as portas, para o regresso do grupo CGD a Timor, apesar de alguns incidentes violentos das milícias pró-indonésias que mediaram esta alternância política no território.

Em 29 de novembro de 1999 a CGD/BNU retomava a sua atividade em Timor-Leste no edifício da Associação Comercial Industrial e Agrícola de Timor (ACAIT).

Finalmente em 10 de Julho de 2001, a Sucursal CGD/BNU foi reinaugurada no antigo edifício, tendo a administração da CGD decidido manter o nome do velho banco ultramarino português, como forma de reconciliar e aprofundar a relação dos locais com a banca portuguesa.



09 – Edifício do BNU em Díli. 2001.

Miguel Costa

Gabinete do Património Histórico da Caixa Geral de Depósitos

Fevereiro de 2016



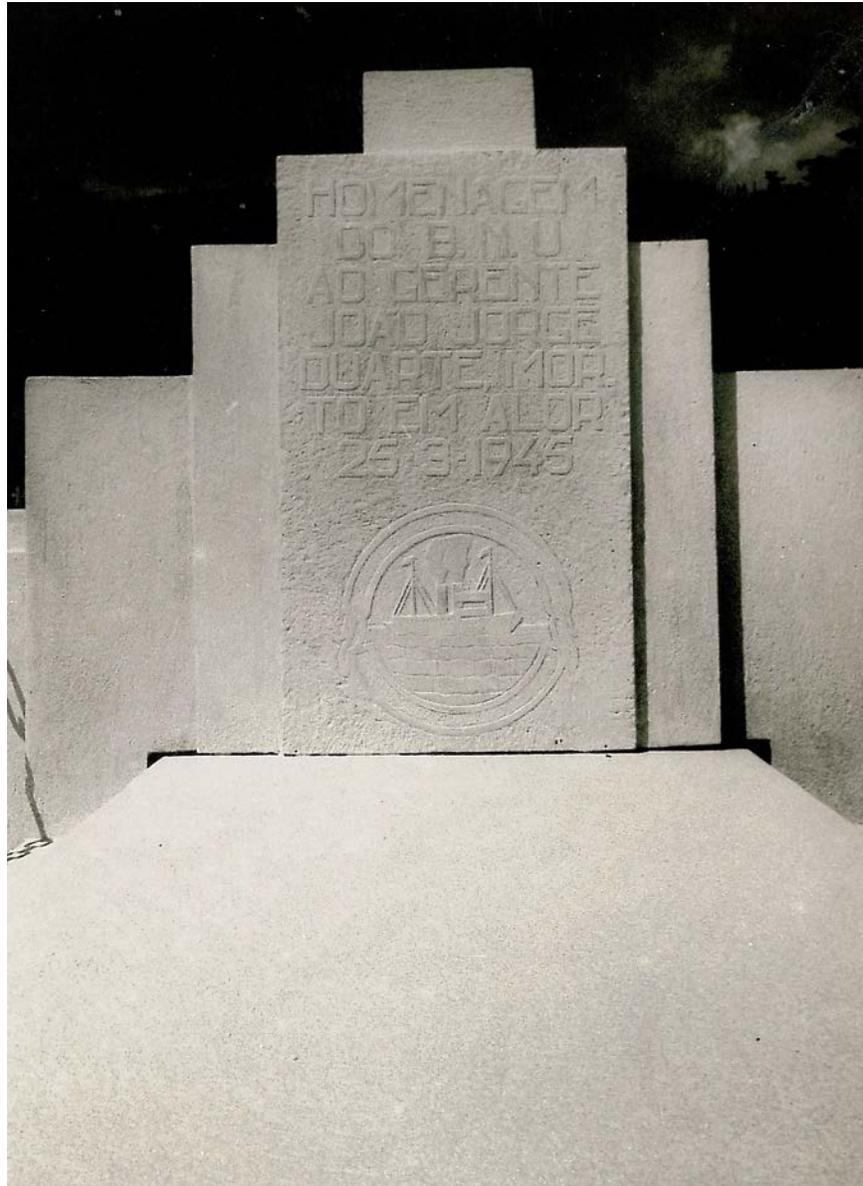
GALERIA DE FOTOS



Filial de Díli do BNU.
Inaugurada em 1912.



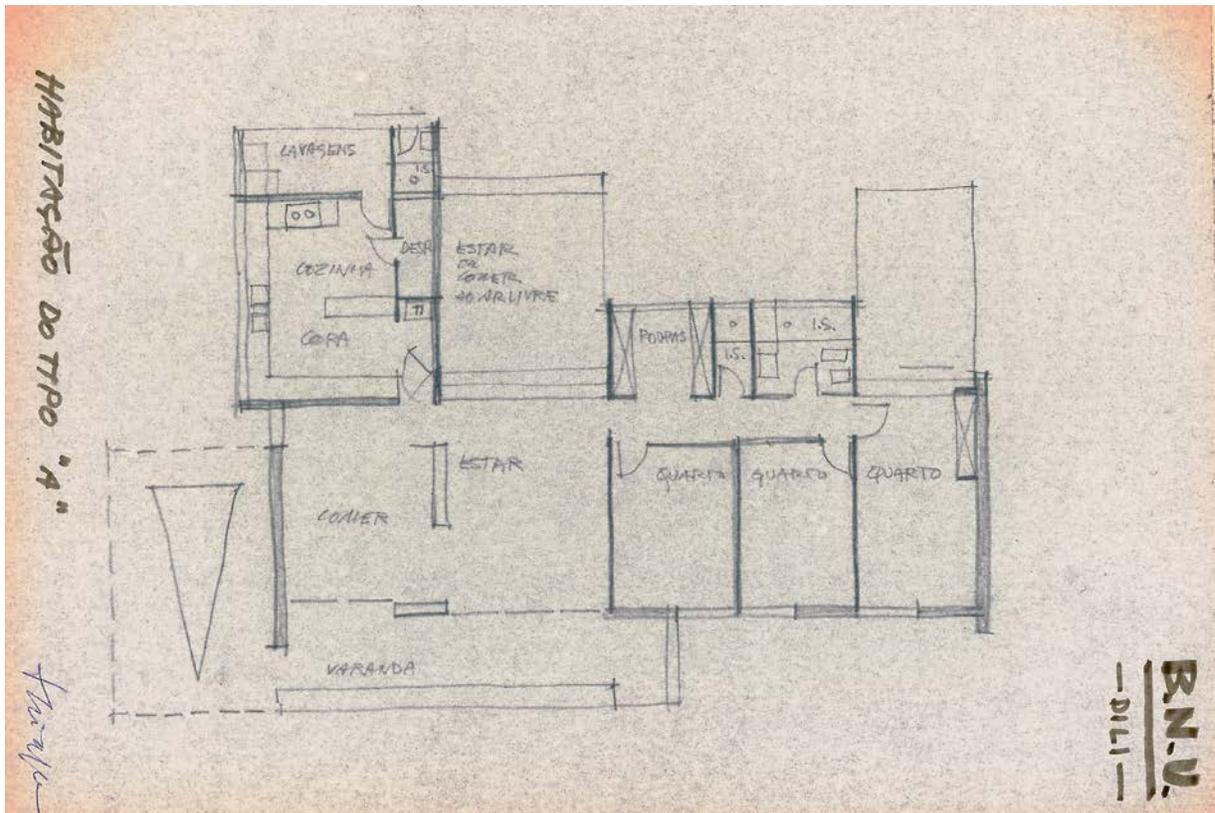
Filial de Díli do BNU. 2ª Instalação.
Inaugurada em 1946.



Túmulo do gerente do BNU de Dili João Duarte.
Construído em 1955-03.



1956. Armazem de café.
Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho.



1964. Esbocetos de F. Schiappa para as Habitações do Pessoal em Díli.



1968.
Filial do BNU de Dili.



1968. Filial do BNU de Díli. 3ª Instalação.
Inaugurada em 1968.



1968. Moradias de funcionários do BNU.
Inauguradas em 1968.



1999.
Bank Pembangunan Daerah.



2001.
BNU Dili.